



## **AFETO SIM! VIOLÊNCIA NÃO! UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É UM DIREITO DAS MULHERES**

Vanda Maria Campos Salmeron Dantas[1]

Educação e Direitos Humanos -Educação para a Paz

### **RESUMO**

O presente artigo analisa o resultado do projeto "Afeto Sim! Violência não! Uma vida sem violência é um direito das mulheres", o qual teve a finalidade de sensibilizar os alunos do ensino fundamental da rede municipal de Aracaju, do 6ª ao 9º ano, em relação à violência doméstica contra a mulher. Diante do índice elevado de violência contra a mulher em Aracaju, a Coordenadoria de Políticas para Diversidade, através da equipe técnica, e com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, percebeu a necessidade de realizar um projeto no eixo temático Direitos Humanos. A metodologia envolvia integrar os alunos, ouvindo seus depoimentos e sua opinião sobre a temática e, concomitantemente, despertar neles momentos de reflexão, no sentido de tentar reduzir a violência de gênero praticada contra a mulher.

**PALAVRAS – CHAVE:** Afetividade; Gênero; Violência.

### **ABSTRACT**

This article reviews result of the project "Tenderness Yes! Violence no! A life without violence is a right of women" which aimed the purpose to raise awareness among elementary students from municipal schools in Aracaju, the 6th to 9th grade, in relation to domestic violence against women. Given the high rate of violence against women in Aracaju, Coordination Policies for Diversity, through technical team, and with support of the Municipal Education Department, realized the need for a project in the thematic axis Human Rights. The methodology involved integrating students, listening to their statements and their opinion on the subject and, concomitantly, awaken in moments of reflection, to try and reduce gender violence practiced against women.

**KEY - WORDS:** Affection; Gender; Violence.

### **1 INTRODUÇÃO**

Na contemporaneidade, observa-se que o índice de violência contra a mulher é bastante elevado no Estado de Sergipe; de acordo com os dados estatísticos do VIVA, as notificações realizadas em Aracaju, entre os anos de 2009 e 2013 atingiram um total de 1.132 ocorrências. Diante dos dados estatísticos houve a necessidade de desenvolver um projeto para sensibilizar alunos, professores e comunidade da escola pública sobre a importância do respeito e valorização do indivíduo, principalmente a mulher, que ainda sofre vários tipos de violência no contexto social em que está inserida. Através do desenvolvimento do projeto, buscou-se

despertar nas pessoas momentos de reflexão e tentar reduzir a violência de gênero praticada contra a mulher.

Embora a violência de gênero possa incidir sobre homens e mulheres, os estudos e estatísticas existentes demonstram que grande parte desta violência é cometida por homens contra as mulheres, com consequências físicas e psicológicas. Segundo a Declaração de Antígua Contra a Violência Baseada no Gênero (2003) tipo de violência é uma violação dos direitos humanos e um problema de saúde pública. Além disso, as pesquisas têm mostrado que a violência contra as mulheres pode apresentar-se de maneiras diversas, além do que, nas culturas patriarcais, a mulher é um alvo frequente. Assim, a violência de gênero é quase sinônimo de violência contra a mulher.

A base teórica que fundamenta o trabalho circunscrever-se-á aos estudos de Beauvoir (1984), Charlot (2005), Morin (2007), Strey (2004) e outros renomados educadores.

O Projeto enfatiza o debate e reflexão sobre a violência contra a mulher, que pode ser: do tipo físico (empurrões, tapas, socos, pontapés, enforcamento, facadas, tiros, pedradas, privação de liberdade, etc.); psicológico (debates, insultos, ofensas, ameaças, intimidações, promessas de morte, etc.); econômico (privação de dinheiro, trabalho escravo); ou sexual (estupro). O debate e a reflexão devem ocorrer numa perspectiva da pedagogia crítica social dos conteúdos, através de uma metodologia dialógica que oportunize o debate e alternativas para o respeito ao ser humano. Para tanto será adotadas estratégias com dinâmicas interativas, filmes, rodas de conversa e produção de textos e imagens sobre a temática.

## **2 A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER E CULTURA DA PAZ**

No estudo sobre a violência destacam-se três tipos: violência direta, através da qual os autores são visíveis; violência estrutural, na qual o autor não é visível, mas as vítimas são, e, por fim, a violência cultural, em que nem o autor, nem a vítima são efetivamente visíveis. Assim, a vida do ser humano é constantemente direcionada muitas vezes por um ou mais tipos de violência numa sociedade onde normas e valores permeiam as relações sociais.

Entretanto, através da cultura de Paz, alicerçada em construir novas maneiras de cultivar as relações humanas, o estudo de conflitos não visa apenas a resolvê-los de qualquer maneira, nem fazer a Justiça com as próprias mãos; mas, o ideal é aprender a extenuá-los e a transformá-los, proporcionando oportunidades de relações de afetividade e respeito ao semelhante, bem assim a busca de novas formas de cultivar as relações humanas, novas culturas para a paz.

A importância de mostrar e sensibilizar o ser humano acerca da necessidade de refletir sobre conceitos rotulados que foram passados de geração a geração em considerar o ato da violência como algo natural tais como: as desigualdades sociais, a miséria, a violência contra a mulher, negros, índios e homossexuais.

Portanto, desconstruir conceitos que, por muitas décadas, excluíram essas minorias é o papel social do ser humano para uma cultura da paz, proporcionar outros olhares que possam trazer o olhar da subjetividade e o respeito ao outro, independente da cor, sexo, religião, preferência sexual. Desse modo, a educação para a paz proporciona quebra de paradigmas, reconstrução de formas pacíficas de transformação de conflitos, momentos de reflexão, crítica e construção de novos saberes voltados para uma epistemologia dialógica da afetividade e do acolhimento.

Durante muito tempo, as diferenças biológicas foram usadas para inferiorizar a mulher. O fato de as mulheres terem o corpo diferente do dos homens foi interpretado como sinal de fraqueza física e de incompetência intelectual. Na sociedade, perpetuou-se um sistema em que a população feminina era vista como incapaz de cuidar de si própria, de seus negócios, de sua vida. O lugar ocupado por elas é de subordinação. Os marxistas argumentaram que, com o estabelecimento da propriedade privada, o homem quis garanti-la para si e seus herdeiros e instituiu a família monogâmica, controlando a sexualidade das mulheres por meio da exigência da

castidade, e, conseqüentemente, a mulher passou a ser propriedade privada do homem. De acordo com Beauvoir (1984, p.125), desde o feudalismo até os nossos dias, a mulher casada é deliberadamente sacrificada à propriedade privada.

Além do mais, as variáveis econômicas foram determinantes em atribuir à mulher o centro do sistema familiar e social. O comando econômico, que pertencia à mulher na civilização primitiva, foi transferido para o homem. O crescimento da propriedade privada trouxe consigo a subordinação da mulher, como também foi instituída a fidelidade feminina como forma de resguardar a herança para os filhos, sendo que a mesma faz parte dos bens possuídos pelos homens.

Diante disso, o processo histórico e econômico é observado com o enfoque da transformação do arranjo social e econômico que através da tradição oral, as primeiras explicações da origem de gênero humano. Na História foi perpetuada a supremacia do homem em relação à mulher, situando-a num patamar inferior ao homem. Nas lendas da criação do mundo, a mulher foi criada a partir do homem e sua influência foi ruim devido à perda do "paraíso", fato que forçaria o homem a trabalhar para sobreviver. Essas histórias de comunicação oral foram transmitidas pelos homens e contribuíram para a submissão da mulher.

A sociedade capitalista perpetuou a divisão do trabalho entre o público e o privado direcionando-o para a divisão de sexo, como também para a divisão intelectual. O próprio sistema cria uma relação de dominação entre o que detém o poder, no caso o homem que está à frente dos negócios e se acha no direito de explorar, exigir subserviência dos que considera inferiores: mulheres, negros, índios, pobres, todos são alvos dessa relação de poder. O sistema capitalista reforça essa relação, a partir do momento que visa ao capital, explora a mão de obra, estimula o individualismo e contribui para a desigualdade social. O início das sociedades de classe de tendência dominadora.

A luta de gênero proporcionou uma quebra de paradigmas, desconstruindo argumentos de que a mulher não tinha capacidade de administrar sua vida. Os direitos conquistados proporcionaram oportunidade para sua libertação das amarras do próprio sistema, como também da vida familiar subordinada ao homem.

Essa é a grande revolução que, no século XIX, transforma o destino da mulher e abre, pra ela, uma nova era. Marx e Engels medem-lhe todo o alcance e prometem da mulher está estreitamente ligada à história da propriedade privada; uma catástrofe substituída pelo patriarcado o regime do direito materno e escravizou a mulher ao patrimônio; mas a revolução industrial é a contrapartida dessa dependência que resultará na emancipação feminina. (BEAUVOIR, 1984, p.148).

A sociedade propagou a ideia da mulher como um ser submisso ao homem, e esse estereótipo, enfatizado pelas instituições religiosas e a própria educação, contribuiu para desvalorização da mulher no espaço público, por isso as conquistas realizadas pelo movimento feminista foram de muitos conflitos a mulher vítima de todos os tipos de violência: físico, psicológico, econômico e sexual. No contexto social, o homem acha-se no direito da posse da companheira, esposa e, conseqüentemente, a violência muitas vezes chega à morte.

A emancipação feminina foi uma conquista que levou, na contemporaneidade, a mulher a conquistar seu espaço social no trabalho, nos estudos. Porém, a violência contra a mulher ainda é grande nos dias atuais.

De todos os modos, as mulheres são maciçamente as maiores vítimas da violência de gênero, tanto historicamente quanto sob qualquer outro paradigma que queiramos utilizar, o que não quer dizer que sejam apenas vítimas passivas e submetidas, mas que é o alvo preferido nas culturas patriarcais. (STREY; AZAMBUJA; JAEGER, 2004, p.17).

Assim, os modelos de ser homem e ser mulher contribuíram para as ações de violência na medida em que o homem é educado para ser o provedor, ser forte, agressivo; e a mulher caracterizada como um ser frágil, dependente e sentimental. Retrata uma educação machista que perpetua no momento atual a cultura da

violência contra a mulher que impulsionou os movimentos de mulheres no sentido de lutarem por igualdade de gêneros, iniciado na Conferência Mundial de Direitos Humanos, em 1993.

Por esta razão, são necessárias políticas públicas que possam fortalecer o discurso social da igualdade de gênero, como também ações capazes de obstruir e desconstruir a instituição da violência contra a mulher. Para tanto é necessário compreender a violência cultural como um tema de direitos humanos, proporcionar atividades preventivas e educacionais direcionadas aos homens de todas as idades para serem mais responsáveis e estimulem uma cultura da paz, do respeito ao ser humano.

Para uma proposta de uma educação para a paz é necessário um trabalho de reflexão, sensibilização que perceba o semelhante como a si próprio e prevaleça uma cultura de respeito, ética, solidariedade. Assim medidas contra a violência de gênero deve ser estimulada através de políticas públicas que contribua para a erradicação da violência contra a mulher, no sentido de contribuir para que possam conviver em paz e em solidariedade.

### **3 AFETO SIM ! VIOLENCIA NÃO E A ÉTICA DO CUIDAR**

A violência é uma constante na realidade dos alunos da rede pública; de acordo com pesquisa da UNESCO (2004). A violência está presente tanto no cotidiano dos meninos, como das meninas. Em suas pesquisas, Charlot (2005) resalta os três níveis de violência: a) no primeiro nível a violência do senso comum, representada por golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo, etc.; b) no segundo nível a incivildades, cujas formas de expressar seriam as humilhações, as palavras grosseiras, a falta de respeito, etc.; c) e o terceiro nível seria a violência simbólica ou institucional, compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho, a violência de poder entre professores e alunos.

Para lidar com os jovens, utilizamos uma pedagogia da afetividade, numa proposta dialógica, mediante a qual pudéssemos ouvi-lo e não apenas informar sobre a temática. De acordo com as definições da Organização Pan Americana da Saúde (OPAS) e da Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência e juventude diferenciam-se pelas suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas; a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrange as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (10 a 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito juventude resume uma categoria essencialmente sociológica, que indica o processo de preparação para o indivíduo assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos.

Assim, para atender ao público alvo, o projeto Afeto Sim! Violência não! foi trabalhado por série, em oito escolas da rede municipal, e as atividades planejadas de acordo com a faixa etária. No primeiro momento, foi discutido numa roda de conversa o que eles sabiam sobre a violência praticada contra a mulher, os tipos de violência e o que poderia ser feito para denunciar os casos de agressão praticados por alguns homens violentos.

A roda de conversa como ação pedagógica apresenta estratégia mais participativa com os adolescentes, troca de experiências e sociabilização com os demais participantes. Além disso, foram realizadas palestras, apresentações de filmes, dramatizações e oficina de grafite com a temática que proporcione assegurar estratégias com vistas a prevenir a violência contra as mulheres.

Nas rodas de conversa os alunos abordavam suas dúvidas, atos de violência que presenciavam no contexto familiar.

Tia na minha casa meu padrasto estava bêbado e foi em cima de minha mãe para bater, ela empurrou ele e eu peguei uma pá e bati na cabeça dele e depois eu e

minha mãe saímos correndo de casa. Minha mãe deu parte e separou dele. (ALUNA, 2014).

Meu pai foi bater na minha mãe e empurrei ele. (ALUNO, 2014);

Na minha casa minha mãe foi em cima do meu pai, porque ele estava enojando ela. (ALUNO, 2014).

Professora minha mãe separou do meu pai, ele batia nela, agora vive na casa da minha vó, mas queria que ela aprendesse alguma coisa para melhorar a cabeça dela. (ALUNA, 2014)

Nos depoimentos dos alunos percebem que a violência é uma constante, como se fosse algo natural no ambiente familiar. Nas rodas de conversa, foi questionado por que alguns homens são tão violentos com as companheiras, afirmavam:

Porque o homem tem ciúme e se acha dono da mulher (ALUNA, 2014).

Mas tem mulher que gosta de apanhar, sem vergonha. Ainda fica com ele. (ALUNA, 2014).

A mulher é apaixonada e acredita que ele vai mudar, daí fica com ele. (ALUNA, 2014).

É mulher safada que gosta de apanhar (ALUNO,2014).

Os depoimentos mostram que é necessário um espaço para discussão, pois muitos alunos acreditam que a mulher é a culpada, provoca o homem, as meninas apresentaram mais rancorosas acham que a mulher não tem vergonha, gosta de sofrer agressões. Através das discussões foi debatido o contexto social da mulher, a história de submissão que foi estabelecida pela sociedade, e a luta delas para conquistar seu espaço. Foi abordada a Lei Maria da Penha e conheceram sua história. Os alunos começaram a refletir e questionar e a atividade culminou com dramatizações, identificando os tipos de violência doméstica (física, psicológica, sexual, patrimonial e moral). Também produziram cartazes contra a violência doméstica, retratando através dos desenhos o que aprenderam e a necessidade de haver uma sociedade direcionada para a compreensão e a paz. Como cita Morin (2007): "O problema ético contemporâneo, atualmente vem do fato que tudo, na civilização ocidental, tende a favorecer nosso 'programa' egocêntrico, enquanto nosso programa altruísta ou comunitário permanece subdesenvolvido."

Assim, oportunizando uma prática pedagógica do acolhimento e do compartilhamento oportuniza uma troca de diálogo, debate entre alunos proporcionando ao ouvir e contribuir para um trabalho coletivo de valorização da sua autoestima e ao mesmo tempo proporcionar espaços para discussão e reflexão sobre a importância do respeito ao ser humano.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola é o ambiente adequado para a discussão no intuito da prevenção, onde os jovens podem conversar sobre o que está acontecendo no contexto social e coibir as ações violentas, egocêntricas de alguns indivíduos. A partir do momento em que há um espaço para a discussão e, principalmente, para ouvir o

adolescente, observa-se como é importante encontrar um ponto de equilíbrio em que prevaleça o bom senso, destituindo o autoritarismo.

As ações pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar proporcionaram troca de experiências, e os depoimentos dos alunos revelam como é fundamental abrir o espaço para essa troca, de forma afetiva, compreendendo as suas construções de saberes e momentos de mediação dos conflitos surgidos. Muitos alunos ainda têm dificuldade de conversar, de expor suas opiniões, mas, na produção dos cartazes, demonstraram o que aprenderam, e registraram a necessidade do amor, do combate à violência. Os alunos, algumas vezes, apresentavam com deboche, outros com vergonha e outros se expressavam com sinceridade, para demonstrar suas dúvidas e anseios. Alguns momentos ficavam centrados na produção dos cartazes, meninos e meninas escrevendo palavras, frases e desenhos mostrando habilidades e o interesse de registrar seus pensamentos.

O diálogo proporcionou uma troca de experiências, pois os alunos procuravam tirar suas dúvidas e outros temas como a sexualidade, gravidez na adolescência, o namoro, ciúme foi discutido nos momentos de compartilhamento.

Assim, uma proposta pedagógica que envolva a afetividade e proporcione ouvir os adolescentes contribui para sensibilizar e repensar uma práxis pedagógica voltada para o acolhimento e o combate à violência.

Um currículo direcionado para a ética do cuidar, mediante o qual professores e alunos possam compartilhar opiniões em prol de uma relação mediada pelo diálogo, como cita Morin (2007, p.35): “Nos espíritos dos indivíduos, as relações acontecem a partir da responsabilidade, da inteligência, da iniciativa, da solidariedade, do amor.” Repensar o projeto político pedagógico que, além de desenvolver os conteúdos conceituais, possa também valorizar os conteúdos atitudinais contribuindo para as relações entre o indivíduo; através da ação de ouvir alunos, professores e comunidade, a escola poderá contribuir para uma educação em que prevaleça o altruísmo, e que o sentido da responsabilidade, da solidariedade seja mais consistente do que o da violência.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord); VALVERDE, Danielle Oliveira; BARBOSA, Diana Teixeira et al. Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violências nas Escolas, Ministério da Educação, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo**: Fatos e mitos. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1984.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. Trad. Jurem Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

STREY, Marlene; AZAMBUJA, Mariana; JAEGER, Fernanda Pires (Org.). **Violência, gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. Violência contra a mulher. Aracaju, 2013.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2011**: os jovens no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari: Brasília, DF : Ministério da Justiça, 2011.

[1]Mestre em Ciências Sociais (UFRN); professora da Universidade Tiradentes; professora da rede municipal de Aracaju; pesquisadora associada da Rede Feminista de Estudos e Pesquisas sobre a mulher e as relações sociais de gênero (REDOR); pesquisadora do grupo de pesquisa em Políticas Públicas Gestão Socioeducacional e formação do professor GPGFOPUNIT/CNPQ. E-mail <[vandalmeron@yahoo.com](mailto:vandalmeron@yahoo.com)

.br

.>

Recebido em: 14/07/2014

Aprovado em: 14/07/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: